

A Esca(la)da da Pobreza



Na nova ágora digital procurei, em vão, alguma referência, por mais dissimulada, ao inesperado desaparecimento da obra do escultor Paulo Neves, *Escadas para o céu*. Perante a completa ausência de sinais, vejo-me obrigado a pautar a minha andança pela batalha contra o empobrecimento da agenda mediática. Tal como o escritor espanhol Javier Marías, na sua cruzada em favor da reabilitação das palavras em desuso, também eu saio em defesa de uma nova ordem que altere o deserto em que se situa o plano noticioso. No enredo que as notícias vão compondo, não há espaço, nem chamada de atenção, para o que leva alguém a interessar-se por uma escada. Não uma escada qualquer, mas uma escada donde, após derretido o seu bronze, se extrairá mais um pouco da história de que se faz a cultura. Será porventura esta a escada de Perséfone, cuja liquefacção faz brotar a ascese dos mistérios órficos *mallarmenianos*, fornecendo, no ciclo das colheitas, o sustento para o passante atento. Nesta contraditoriedade de premissas, dou conta da possibilidade deste roubo ter sido efectuado por um dos homens da opulência, daqueles que vivem rodeados de objectos; e comparo esses objectos às centenas de mensagens mediáticas que nos invadem; e constato como nos tornámos funcionais. A criança-lobo que Baudrillard diz tornar-se lobo à força de com eles viver é a mesma que rouba escadas para seu belo prazer. Mas se quem roubou a escada estiver a morrer de fome? Terá ele justificação ou desculpa? Estaremos nós perante o manejo oportunista da atenção que Daniel Innerarity diz não exigir o esforço teórico das grandes justificações ideológicas? Arrisco uma resposta. E vem-me à memória o livro inacabado de Albert Camus, *O primeiro homem*, que insiste no adjectivo desnudo: nesta riqueza que nos é dada pela sociedade do conhecimento, a pobreza não se escolhe, mas pode conservar-se.